

OTIMISMO

O presidente começou seu discurso com uma declaração de otimismo: "Gostaria de deixar bem claro que nós estamos vivendo um momento de muita força para as mudanças, um momento de otimismo, um momento em que o Brasil está começando a despertar para perceber que já é um País que tem condições de ter um futuro afirmativo para o seu povo".

DEMOCRACIA

Disse que o país se reorganizou "e, entre os feitos, este povo conseguiu, nas últimas décadas, aquilo que me parece o mais significativo e que assegura a possibilidade do resto: é que nós hoje somos realmente um País democrático".

REFORMAS

Com as reformas constitucionais, assegurou, pretende "fazer as modificações que vão permitir que, vivendo como nós vivemos, numa sociedade democrática, em que todos se organizam e demandam, que essas demandas possam vir a ser atendidas de forma estável, duradoura".

CORPORATIVISMO

Destacou que sem as reformas, não se pode garantir a estabilidade econômica; o fim do clientelismo; a redução do corporativismo "à sua área legítima, que é a defesa dos interesses corretos daqueles que trabalham neste ou naquele setor"; uma aposentadoria digna, nem "assegurar o que é fundamental para os brasileiros: mais empregos e melhores salários".



"Minha mão não assinará nunca uma medida demagógica"

REAL

O presidente fez a defesa do Plano Real. Na sua opinião, o povo "percebeu que, no final do mês, seu dinheiro estava valendo o mesmo que no início. E, mostrando-se disposto a defender o plano, avisou: "Faremos o possível e o impossível para manter a inflação nos níveis compatíveis com a capacidade aquisitiva do povo brasileiro. A minha mão não assinará nunca uma medida que possa ser

aplaudida mas que é demagógica, porque ela vai imediatamente depois erodir os salários, através da inflação".

PRIVILÉGIOS

As resistências à reforma foram duramente criticadas: "São os que têm privilégio é que querem se defender das reformas". Segundo Fernando Henrique, "muitas vezes as minorias privilegiadas vêm com a etiqueta de povo, que é a melhor maneira de manter privilégio. Mas cabe ao homem de Estado responsável, mostrar que o interesse popular não se confunde muitas vezes com aqueles que, usando o santo nome do povo em vão, defendem seus próprios interesses, seus próprios privilégios".



"Estamos divididos do um horizonte de prosperidade e de progresso"

MONOPÓLIO

O presidente esclareceu que tem consultado as instituições que representam áreas a serem afetadas pela reforma constitucional, a começar pela Petrobrás. "E nessa matéria nós estamos propondo que a União mantenha ela o monopólio e seja a instituição concedente, mas que ela tenha a liberdade de conceder, via legislação, a possibilidade de capitais privados trabalharem naqueles setores que apontam para um certo estrangulamento da nossa capacidade de investimento".

EMPRESA NACIONAL

Fernando Henrique deixou claro que pretende mudar a conceituação de empresa nacional e de empresa estrangeira. "Empresa brasileira é aquela que tem sua organização aqui e está submetida às leis brasileiras. Manteremos a possibilidade de que esse tipo de empresa, ao produzir aqui em igualdade de condições, tenha vantagem sobre os que produzem lá fora. Temos que garantir é o emprego, temos que aumentar o emprego".

PROTECIONISMO

O presidente criticou o protecionismo, que segundo ele "protege a todos e acaba não protegendo ninguém" e sobretudo prejudica o consumidor, porque encarece o preço final de tudo.

CONCESSÕES

A concessão de serviço público a terceiros e a privatização vão seguir adiante. Com pressa, ressaltou, mas em defesa do interesse da coletividade. "Eu não posso tornar, como vamos pretender tornar aqui, passível de exploração pelo capital privado um setor da telefonia, entregando o filé mignon para o setor privado e deixando para o Estado apenas os ossos".

PRIVATIZAÇÕES

Ainda sobre a questão da privatização, o presidente disse, ao ser questionado pela Agência Reuters sobre a opinião de empresários brasileiros e estrangeiros que consideram suas propostas limitadas: "Isso não são queixas, são interesses. Eu tenho que cuidar do interesse nacional. Eles cuidam dos deles".

BICHO-PAPÃO

O presidente afirmou não ter medo de lobbies: "Chegou a hora de avançar e enfrentar com muita clareza e convicção os interesses que vão se organizar — os lobbies pagos pelo serviço público são os que mais se organizam. Esse bicho-papão não mete medo a adulto. Alguns têm medo, mas eu não tenho".

PREVIDÊNCIA

Quanto à Previdência, garantiu que as alterações constitucionais "provavelmente não renderão um tostão" a sua gestão. As reformas serão feitas, garantiu, "porque é obrigação do homem de Estado zelar não só pela sua gestão, mas pelo País". Para o presidente, "não é sadio um país que transforma numa vantagem e numa cultura o aposen-



"Só os que têm privilégio é que querem se defender das reformas"

tar-se logo".

SALÁRIO

A questão salarial foi tratada em várias oportunidades. Na fala que antecedeu a entrevista, Fernando Henrique adiantou que também mandará ao Congresso medidas infraconstitucionais, "essas sim, capazes de aumentar a arrecadação e de permitir — o que farei com maior gosto — que haja o aumento do salário mínimo, que não seja de mentirinha, que não seja para deputado fazer discurso na tribuna e ir para a rua dizer que o presidente quer vetar. Vetar bobagem eu vetarei sempre". Na entrevista, o repórter da Folha de S. Paulo o deixou irritado ao perguntar o que faria se ganhasse salário mínimo. "A mesma coisa que você. Essa pergunta é demagógica. O que que você faria?", devolveu.

IMPOSTURAS

"Chegou a hora: o Brasil cansou de impostura. Então nós vamos dizer as coisas como são. E optem. O governo vai fazer a sua parte, o governo vai apelar à sociedade, vai explicar à sociedade, vai mostrar que ele não quer tirar um tostão de quem quer que seja. Vai garantir os direitos, mas vai perguntar: e os direitos futuros? E os direitos dos que estão nascendo hoje, não vão ser assegurados?".

REFORMA TRIBUTÁRIA

O presidente negou que haja resistência dos governadores às propostas de reforma tributária. "Ontem eu jantei com seis governadores e não houve dúvida nenhuma. Então, por enquanto, é onda, que não foi feita pelos governadores. Eu tenho conversado com muitos e a todos tenho dito que eles serão informados. Eles não foram, como é que eles podem ser contra?". Também negou divergências de fundo dentro da equipe de governo. "O que há é apenas, como isso é uma matéria técnica, diferenças operacionais entre pessoas das equipes".